

Um rastro no mundo: as voltas da demanda¹

Maria Lia Avelar da Fonte²

¹ Trabalho apresentado no Simpósio de Intersecção Psicanalítica do Brasil. Brasília, 2006. Trabalho Publicado no livro *As identificações e a identificação sexual*. Arlete Mourão e Miriam Nogueira Lima (Org.). Rio de Janeiro: Campo Matêmico: Intersecção Psicanalítica do Brasil, 2008

² Médica, psicanalista membro de Intersecção psicanalítica do Brasil.

Um rastro no mundo: as voltas da demanda³

O tema da identificação é vasto, complexo e obscuro. Talvez por isso Lacan a ele se refira como “a floresta da identificação”.

Embora o seminário nove de Lacan nos revele a multiplicidade de conceitos e mecanismos envolvidos no processo da identificação, nele se destaca a função do significante e sua estreita relação com constituição do sujeito. A idéia da profunda relação entre sujeito e significante atravessa todo o seminário – o significante edifica-se como ponto de ancoragem e nascedouro do sujeito.

Forcluído do significante que o determina, o sujeito constitui-se essencialmente como falta e como pura diferença. É pela falta, perda e corte que se dá o advento do sujeito.

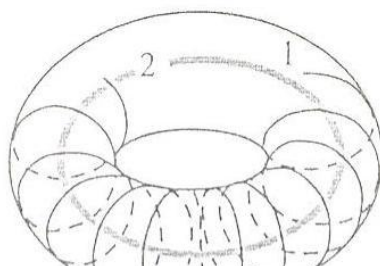
No seminário cinco, sobre *As formações do inconsciente*, encontramos: “Tantas identificações quanto demandas insatisfeitas? Tantas identificações quanto há outros que se colocam na presença do sujeito como aquele que responde ou não responde a demanda?” (Lacan, 1957-58: 353).

Na tentativa de apreender essa questão, recorreremos às três categorias da falta – privação, frustração e castração –, articuladas pela necessidade, pela demanda e pelo desejo, referidas aos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Conceitos fundamentais à tríplice identificação do sujeito – ao pai, ao traço unário e ao desejo do Outro – agenciados pela função privilegiada do falo e mostradas através da topologia.

Para falar da privação, Lacan recorre ao toro: quando o sujeito percorre a volta completa do toro, a volta da demanda, percorre ao mesmo tempo o seu buraco central, a volta do desejo, e circunscribe, sem que o saiba, o objeto metonímico de seu desejo.

É nesse ponto que o sujeito se equivoca e comete um erro de contas, conta uma volta a menos – a volta do desejo. O (-1) da volta não contada concerne ao sujeito, sujeito ainda não subjetivado, concebido como um lugar vazio: o (-1) excluído do traço unário que funda uma classe na qual não pode haver ausência.

³ Apresentado no Simpósio de I



O encontro do sujeito com o outro semelhante desencadeia uma experiência de ciúme e rivalidade, próprias à relação especular e recoloca em cena o objeto primordial do desejo, desde sempre perdido, metonímico – que faz alusão à perda da Coisa no objeto.

A impossibilidade de nomear o objeto de seu desejo instala o sujeito na insistência de uma demanda e, segundo Lacan

é ao primeiro Outro, na qualidade de puro e simples suporte das primeiras demandas, das demandas, se assim posso dizer, emergentes, das demandas, eu quase diria inocentes, do sujeito, no nível destas primeiras articulações choramingantes de sua necessidade no nível sobre o qual tanto se insiste hoje em dia, das primeiras frustrações, o que temos aí? Temos o que chamamos de dependência. E efetivamente, é em torno desse algo que se chama dependência que tudo quanto concerne ao *supereu* materno se articula (Lacan, 1957-58:512).

Lacan ilustra a frustração através de dois toros entrelaçados: um representa o sujeito e o outro, o suporte do Outro. Os dois toros se arrumam de tal forma que a demanda de um corresponde ao desejo do outro e vice-versa. Essa inversão é reveladora da impossível harmonia entre desejo e demanda.



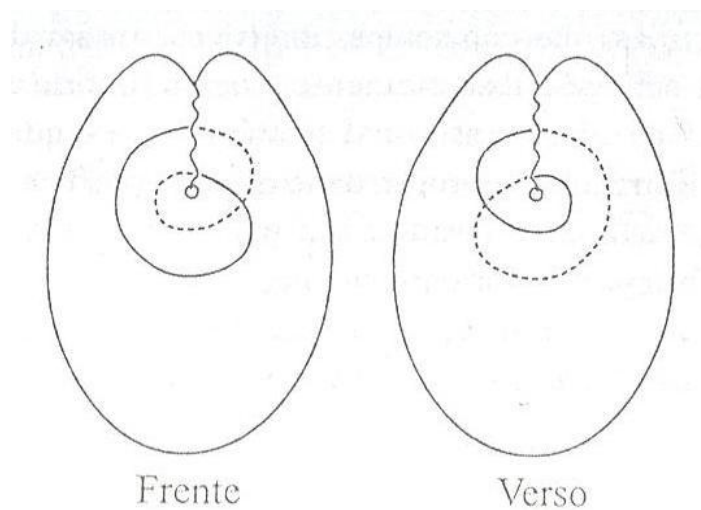
Diante do Outro, da opacidade de seu desejo, o sujeito é tomado por uma angústia que o introduz no complexo de castração e provoca a ruptura da identificação ao falo imaginário do Outro materno.

Se “a angústia é a sensação do desejo do Outro e o desejo é o desejo do Outro” (Lacan, 1961-62: 240), como desejar algo que angustia?

Lacan explica que não há identidade entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro, entre eles não há acordo, nem ajuste ou qualquer combinação possível. A suposta identificação do desejo do sujeito com o desejo do Outro é apenas “marionete do fantasma” (Lacan, 1961-62: 241).

É a angústia do sujeito frente ao desejo do Outro que o convoca a formular: “o que queres de mim aí desse lugar?” – via que cintila na direção ao desejo.

A figura do *cross-cap*, superfície topológica aberta, serve de suporte metafórico para mostrar a relação do sujeito com o objeto de seu desejo. Por efeito de corte, o *cross-cap* se decompõe em dois elementos: uma faixa de Moebius, que representa o sujeito, e uma calota esférica, deformada e reduzida a um disco chato, indicativa do objeto *a*. A articulação dos dois elementos fornece a fórmula do fantasma – $\$ \diamond a$: sujeito do desejo corte de *a*.



Partimos de uma interrogação que versa sobre a relação entre identificação e demanda insatisfeita.

Se considerarmos que, na condução de uma análise, a não-resposta do analista à demanda do sujeito impõe-se como condição indispensável na direção do tratamento e se admitirmos que há uma correspondência entre identificação e demanda insatisfeita, como pensar o final de análise, tendo em vista que não se trata da identificação do sujeito ao analista?

Não responder à demanda permite relançar o sujeito aos seus significantes primordiais, fixados na origem de sua história libidinal, e a possibilidade de reescrever sua história. Em contrapartida, ao satisfazer a demanda, o analista faz calar o sujeito do inconsciente, confunde necessidade e desejo, se oferece como ideal identificatório, autenticando o aprisionamento do sujeito nas redes de um engodo imaginário.

Cabe avaliar de que demanda se trata e a que o analista se recusa.

Uma análise rejeita a demanda situada no plano do enunciado. Se no discurso surge a possibilidade para o sujeito de aceder ao desejo, o mesmo discurso institui-se como sede de resistência e alienação.

Dizer não ao enunciado do discurso é respondê-lo no nível da enunciação. É disso que se trata numa análise: visar o ponto de enunciação. Assim, pode-se dizer que o analista responde a todas as demandas quando lê na fala do analisante para-além do enunciado.

À demanda do sujeito, o analista responde com o desejo de analista, aquele que move um sujeito na análise.

Fora do significante e, portanto fora do inconsciente, o desejo do analista situa-se no campo do Real. Faz valer o Real em jogo de uma demanda, favorece que os significantes do sujeito cedam ao âmbito pulsional. O desejo do analista é ruptura, é a escansão que faz hiância na cadeia significante do sujeito. Distingue-se do desejo do Outro, é ausência do Outro que aponta ao sem saída da demanda, é o vazio que se oferta ao sujeito para que aí possa instalar seu desejo.

O desejo do analista é seu ato, ato que promove corte e queda do S_1 , significante identificatório, significante-mestre, marca em que se assentam os alicerces do inconsciente; é correlato ao advento de a , objeto causa do desejo e vertente de gozo do sujeito.

Longe da idéia de uma identificação do sujeito ao eu do analista, o fim de análise supõe não mais uma relação $S_1 — S_2$, matema do inconsciente, mas, sobretudo, a articulação entre $S_1 — a$, matema da identificação ao sinthoma, condição de o sujeito suportar o gozo implicado em seu desejo.

Referencias bibliográficas

Lacan, J. (1961-62). Seminário IX, A identificação. Tradução de Ivan Correia e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. (1957-58). Seminário V, As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Quinet, A. (2000). A descoberta do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Rabinovich, D. (1995). A significação do falo. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

Safouan, M. (2006).Lacanianana I: os seminários de Jacques Lacan, 1953-63_ rio de Janeiro: Companhia de Freud.